

PIBID: APLICANDO A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DE UM PONTO DE VISTA INTEGRAL

Fabiana da S. Bonato ¹

RESUMO

O modo como as pessoas aprendem e se relacionam estão em constante mudança, principalmente nos dias de hoje com o advento das Inteligências Artificiais. A partir da experiência em sala de aula facilitada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tivemos a oportunidade de considerar essas mudanças no contexto do ensino-aprendizagem, por isso, é necessário olhar para os estudantes através de uma visão integral e, para isso, a interdisciplinaridade tem muito a contribuir. Beira-se a negligência ao pensar que será possível abordar disciplinas curriculares da Educação Básica sem que, antes e durante, seja olhado e considerado o ser humano que está ali ouvindo e aprendendo com o docente. Com isso, a intenção deste estudo é apresentar uma intersecção entre filosofia e língua portuguesa, abordando questões existenciais e filosóficas para pensar o conceito de autoria e escrita. O que diferencia a escrita e o pensamento de um ser humano da escrita e do “pensamento” de uma Inteligência Artificial.

Palavras - chaves: Interdisciplinaridade, Inteligência Artificial, Docência, Escrita, Autoria.

INTRODUÇÃO

Com o advento do uso de Inteligência Artificial por parte dos alunos hoje em dia, percebemos que os educadores terão um grande desafio para enfrentar na sala de aula, pois ao invés de utilizar a IA como uma ferramenta de apoio para eventuais tarefas, os estudantes passaram a utilizá-la para “terceirizar” a tarefa de pensar e escrever, e isso acaba levando ao atrofiamiento de suas habilidades de escrita e, conseqüentemente, da organização do pensamento. Como alerta Othon M. Garcia (2024, p. 303), na obra *Comunicação em Prosa Moderna*, “Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar [...] não se pode *transmitir* o que a mente não criou ou não aprovisionou”. A partir do momento em que um estudante renuncia ao trabalho de escrever e passa essa demanda a IA, ele está se abstendo da tarefa de pensar. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo investigar a importância da escrita como ferramenta para exercer o pensamento crítico, e para além disso, como marcadora de existência. Com isso, torna-se necessário um olhar integral para esse estudante, compreender que nele existe uma historicidade e um potencial que pode ser revelado através da mediação do professor. Para isso, é preciso entender como se dá o

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo- UPF e Bolsista PIBID, 152807@upf.br.



processo de produção da escrita, buscar na interdisciplinaridade as ferramentas necessárias para evidenciar e valorizar as características de subjetividade presente em todos os seres humanos.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Para sua construção, foram realizadas leituras e análises de artigos científicos disponíveis nas plataformas SciELO e Periódicos CAPES, que se constituem como importantes bases de dados para a produção científica. Além disso, utilizou-se como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual serviu como fundamento teórico para a compreensão das diretrizes educacionais relacionadas ao tema abordado. Também foram consideradas as observações realizadas durante a prática em sala de aula, a partir da atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o que possibilitou articular os referenciais teóricos com a experiência prática.

A seleção dos materiais considerou a relevância, atualidade e pertinência com os objetivos da pesquisa, possibilitando uma análise crítica e reflexiva acerca do conteúdo estudado.

REFERENCIAL TEÓRICO

A interdisciplinaridade tem ganhado destaque nas discussões do contexto educacional, especialmente diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Fazenda (2008, p. 17-35), a interdisciplinaridade não se configura apenas como a junção de conteúdos de diferentes disciplinas, mas como uma atitude pedagógica que busca integrar saberes, promovendo uma compreensão mais ampla e significativa da realidade. Devido a isso, a prática interdisciplinar possibilita romper com a fragmentação do conhecimento, favorecendo a construção de aprendizagens contextualizadas e críticas. No âmbito da formação docente, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se apresenta como um importante espaço para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, permitindo a articulação entre teoria e prática.

A perspectiva de uma educação integral também se mostra fundamental para compreender o estudante em sua totalidade. De acordo com a Base Nacional Comum



Curricular (BNCC, 2018), a educação deve promover o desenvolvimento pleno dos sujeitos, considerando suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais. Essa abordagem rompe com modelos reducionistas de ensino, reconhecendo o aluno como um ser histórico, singular e em constante construção. Essa compreensão é de suma importância para que as práticas pedagógicas passem a valorizar a subjetividade e a autoria dos estudantes.

No que diz respeito à relação entre pensamento e escrita, Vygotsky (2001) destaca que o desenvolvimento do pensamento está intrinsecamente ligado à linguagem, sendo a escrita uma das principais ferramentas de organização e expressão das ideias. Bakhtin (1997) também enfatiza o caráter social da linguagem, compreendendo a produção textual como um processo dialógico, no qual o sujeito se constitui na interação com o outro e com o mundo. Assim, a escrita não se limita a uma habilidade técnica, mas se configura como uma prática social e cultural que envolve autoria, identidade e posicionamento crítico. Dessa forma, a inserção das tecnologias digitais e, mais recentemente, das Inteligências Artificiais no cotidiano educacional, traz novos desafios.

Por isso, ao articular interdisciplinaridade e educação integral, é possível construir um cenário educativo que valorize a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seu papel no mundo. Para tanto, o referencial teórico que sustenta este trabalho aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que integrem saberes, reconheçam a complexidade do sujeito e promovam o desenvolvimento da autoria e do pensamento crítico, especialmente no contexto atual que vem sendo marcado pela presença massiva das Inteligências Artificiais em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Luciano Amaral Oliveira (2010, p. 25-40), escrever obriga um sujeito a selecionar ideias, a organizá-las e a construir em seu discurso argumentações em prol ou contra tais ideias - três habilidades que partem, principalmente, do pensar. Desse modo, pensando no âmbito educacional, quando um aluno escreve, ele precisa refletir e justificar ideias. Nesse sentido, o filósofo René Descartes propõe, na obra *Discurso do Método*, que a principal condição para existir é pensar - “penso, logo existo” (DESCARTES, 1996, p. 38). Sob essa ótica, pode-se pensar que como a reflexão é a base da existência, quando um sujeito abdica de pensar por si mesmo, ele também está renunciando sua consciência. Torna-se mais



preocupante pensar nas consequências dessa renúncia ao pensar no contexto escolar, pois sujeitos em formação perderão, pouco a pouco, seu senso crítico e, ao invés de construir discursos, apenas os receberão sem nenhuma reflexão, abandonando sua postura de sujeitos ativos frente a recepção de conteúdos.

Quando pensamos em escrita e leitura, estamos, também, nos referindo a um conteúdo que foi acumulado dentro de nós, através de conversas que tivemos, observações que realizamos, livros que lemos, filmes que assistimos, tudo isso se organiza dentro de nós para formar o nosso “conhecimento de mundo”. Contudo, se começarmos a acreditar que uma máquina fará esse processo para nós, que não precisamos mais prestar atenção nas coisas, que não precisamos acumular conhecimentos, o que vai restar para aprender, aliás, para que aprender, se algo “pensará” e escreverá por nós? Com esse questionamento, nos remetemos ao filósofo Friedrich Nietzsche que em 1888 já se inquietava com essa questão:

Aprender a *pensar*: não há mais noção disso em nossas escolas. Mesmo nas universidades, mesmo entre os autênticos doutores da filosofia começa a desaparecer a lógica como teoria, como prática, como *ofício*. Leia-se livros alemães, já não se tem mais a remota lembrança de que para pensar é necessária uma técnica, um plano de estudo, uma vontade mestria – de que o pensar deve ser aprendido, tal como a dança deve ser aprendida [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 49).

Percebemos, com isso, que a preocupação acerca do ato de pensar e, conseqüentemente, ler e escrever, já se arrasta desde muito antes do surgimento do advento das IAs. Entretanto, hoje em dia, essa preocupação tem um crescimento exponencial devido a delegação desses fenômenos a uma máquina. A inquietação gerada com esse assunto se justifica, pois o pensamento não está mais sendo construído por mentes humanas, está apenas sendo repetido por um computador, e, afinal, palavras que se repetem, perdem o seu sentido e significado, tornam-se vazias. Com isso, o que estaremos escrevendo e lendo? Apenas o mesmo do mesmo? Quando produziremos pensamento, não precisaremos mais nos concentrar na percepção do mundo, pois acreditamos que isso pode ser outorgado à um objeto sem alma? Consonante a esses questionamentos, Paulo Freire (1981, p. 11-24) nos traz elucidções importantes sobre o assunto, em seu trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981, ele reflete sobre isso e fala um pouco sobre como a compreensão do texto pode ser alcançada por sua leitura crítica que implica na percepção das relações entre o texto e o contexto. E continua:

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha



mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 1981, p. 9).

O cuidado e as discussões que vem se tendo a respeito do tema, continuam se justificando, o que chama a atenção, é que a preocupação acerca do atrofiamento do pensamento, podem ser embasadas por autores e textos anteriores a qualquer especulação sobre Inteligência Artificial produzindo “pensamento”. Fato esse, que nos leva a um maior receio quando olhamos para o cenário atual. Pois, não estamos apenas deixando de perceber nossos pensamentos e o mundo, estamos abrindo mão de contar, escrever histórias e pensar histórias. E se não percebemos, como poderemos escrever?

No momento em que consideramos o sujeito que está em sala de aula como um ser humano integral e em desenvolvimento global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, deixando de lado a visão reducionista que olha apenas para a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Assumindo uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto, olhando para eles como sujeitos de aprendizagem, e promovendo uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno de suas singularidades e diversidades (BNCC, 2018 p. 14). Acreditando que é justamente essa complexidade do existir humano que pode ser transposta para o papel no momento da escrita. Se valorizarmos a forma a existência de nossos alunos, eles conseguirão valorizar aquilo que eles escrevem, suas criações.

O fato das IA's entregarem um texto pronto, faz com que os alunos se afastem das palavras, perdendo a intimidade com a leitura e, de certo modo, deixando de ter intimidade com eles próprios. Por isso, quando falamos desse cenário atual, da inserção da IA contato força no contexto de sala de aula, não estamos falando apenas do “CTRL C, CTRL V” de texto, estamos falando de um possível apagamento do sujeito e da subjetivação do ser humano, fatores que se dão, também, através do contato com a escrita, leitura e da produção de textos. Nos diz, Larossa (2015, p. 16): “As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. Essa citação do autor nos faz pensar o quanto o processo de escrita é importante, pode ser entendido como uma experiência que atravesse o ser humana e, dessa forma, constitui e constrói subjetividade, fato que torna o sujeito capaz de produzir pensamento e existir no mundo.

No entanto, para fazer esse trabalho em sala de aula, precisaremos nos apoiar, primordialmente, em um modo de atuação interdisciplinar, pois para convocar os alunos a



fazer reflexões necessárias sobre o mundo e o contexto em que vivemos, não encontraremos subsídios apenas em nossa área de atuação, necessitaremos de apoio da área da filosofia, história, sociologia e de quantas mais seja possível lançar mão. Observando, também, o fato de que o estudante que estará em nossas salas de aula possui um conhecimento de mundo que é só dele, ele é um ser integral, rodeado por experiências próprias e válidas. Mas para que a experiência lhes aconteça é preciso levar em consideração, mais uma vez, o que nos diz Larossa (2015, p. 25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Essa reflexão nos leva a considerar que aquilo que o aluno tem a dizer, aquilo que ele pensa e, conseqüentemente, o que ele vai escrever e produzir, possui um valor único. Ressaltando ser isso que o diferencia de produções feitas por Inteligências Artificiais. Sua historicidade, suas percepções, seus sentimentos, emoções e visões de mundo o tornam real, isso o faz capaz de ser autor de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, podemos considerar que o uso das IAs ameaça de forma consistente o modo que nos colocamos e nos enxergamos no mundo. Como nos diria Paulo Freire (1981, p. 9): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Precisamos estar presente em nossas vivências, presentes de corpo e alma, pois será a partir disso que acumulamos experiências para poder, depois, transpor para ideias e colocá-las no papel, assim poderemos ser autores das nossas histórias. Logo, considerando os pontos nevrálgicos abordados neste trabalho, parece perigoso terceirizar esse processo para uma máquina, um objeto com “pensamento” artificial, a consciência humana é única e intransferível. As ferramentas artificiais podem conseguir mimetizar esse processo, mas não chegará ao ponto de atingir a sutileza e subjetividade dos pensamentos humanos.

Se a IA representa, em certa medida, um risco para o exercício do pensamento, qual deve ser a postura não só da escola, mas de qualquer ambiente que se proponha a construir



conhecimento? Para responder esse questionamento, uma palavra basta: estímulos. Um ambiente educacional precisa instigar e provocar seus alunos a refletirem, despertando neles inquietação ao mesmo tempo que floresce a curiosidade. Descartes, por exemplo, chega à proposição anteriormente citada (“penso, logo existo”) através de um exercício radical de questionamento, no qual questiona os sentidos, o visível, as certezas “óbvias”, etc.

Desse modo, um ambiente que não gera dúvidas não consegue instigar os sujeitos a refletirem, pois a ausência de provocações e dos debates fazem com que os sujeitos aceitem ideias de modo passivo. Não vendo necessidade de discorrer sobre ideias, um sujeito perde sua consciência e vive mecanicamente, sem exercer de fato sua consciência. Por isso, gera enorme preocupação os alunos terceirizarem demandas que exijam a reflexão deles para a IA, porque eles estão renunciando à sua subjetividade. Denotando, novamente, a importância de ter um olhar integral para os alunos, enxerga-los como um ser humano complexo e constituído através dimensões cognitivas, emocionais, racionais, sociais e biológicas. Acreditando em suas potencialidades e construindo caminhos, que perpassam a interdisciplinaridade, para mediar a produção de pensamento crítico e viabilizar o desejo de vivenciar o processo de aprendizagem de aspectos que apenas a sala de aula pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 13-15.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 37–39.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2008. p. 17–35.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1981. p. 9.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2024. p. 303.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 16.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 49.



OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 25–40.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

